



na linha  
quebrada da  
nossa época...

O que aflige muitos dos nossos detratores do campo «literário» é verem que lhes damos uma grande lição: longe de considerarmos a literatura como o fim da vida, entendemos que ela deve ficar no seu lugar, que não é o primeiro. A uma posição puramente, exclusivamente estética, substituímos e opomos uma posição «total».

2

A juventude que segue uma linha inflexível e que com intransigência a sabe manter—tem encontrado no curto caminho já percorrido mais atitudes de hostilidade do que atitudes de simpatia. Não têm faltado os que intencionalmente a confundem com os elegantíssimos frequentadores de chás dançantes e com os cinéfilos efeminados e decadentes. A juventude seria uma insuportável coleção de rapazinhos imbecis, sem consciência do seu tempo, alheios às dores do mundo, esquecidos de tudo menos das gravatas, dos chás e da vida íntima das «estrêlas». Outros têm identificado a juventude com os moços utopistas e bem intencionados que liquidam à mesa dos cafés os grandes problemas sociais e metafísicos...

A juventude,—disse alguém—é um barómetro. Ora, para saber se vai chover, é preciso aprender a ler nos barómetros.

3

Aos raciocínios de Zenão sobre o movimento Diógenes o Cínico respondeu—movendo-se.

A's ideias de Leibnitz sobre o optimismo respondeu Voltaire, no *Cândido*, com a exposição irónica das misérias humanas.

A regressão dos que negam o progresso responde-se com o vapor, a electricidade, a aviação e a rádio.

Se o leitor continuar pensando, neste ritmo, com outros exemplos, facilmente compreenderá que a prática (*praxis*) é o critério da verdade. A identificação da teoria e da prática, do pensamento e da acção—é a ideia mais comezinha da nossa vida quotidiana e que a nossa actividade a cada passo pressupõe.

4

Não é raro topar-se com jovens que descreem da missão da juventude e que perguntam incrédulos, «se a juventude terá alguma coisa para dizer». E' frequente, mesmo, ver os mais novos recolhêrem-se num torpôr semil, impotentes para as grandes e decisivas atitudes que impelem os homens a integrar-se na história. Esses são os que atraçoam a mocidade, os que não compreendem a sua missão cheia de nobreza, aqueles que não dão na vida lugar ao heroísmo. Porque, amigos, é de heroísmo precisamente que se trata. Nietzsche disse-o claramente quando escreveu: «...que porção de verdade ousa um espírito? O erro não é cegueira; o erro é covardia». Sem heroísmo não se pode transformar o mundo, porque para transformá-lo é preciso conhecê-lo e para conhecê-lo é preciso não temer a verdade. Essa juventude envelhecida antes do tempo, depressa adaptada ao mais feio da existência; essa juventude céptica no que lhe convém e dogmática por sistema—essa juventude é a vergonha da história, é a ignomínia do seu tempo. Compreende-se que aos 40 anos se não pense como aos 20; mas não se concebe que aos 20 se pense como aos 40.

5

A mãe mandou-o dizer ao pobre «que fôsse com Deus», o que queria dizer, como se sabe, que fôsse sem nada. E ele foi dizer ao pobre «que fôsse com Deus». Mas como o pobre insistiu, a mãe disse então que lhe desse farinha. E quando lhe dava, o filho tirou da sua experiência apenas de 12 anos, este comentário filosófico:

—Afinal não vais com Deus... vais com farinha...



—É o «Diário» e a «República», a «República»!...

«Placards» luminosos, no alto dos edificios, acendem-se e apagam-se, riscando a noite de furta-côres. O buzinar dos automóveis acelera o movimento. Apitos. Luz a jorros. Chuva de molha-tolos.

Na borda do passeio, apregoo as novidades dos jornais da noite. Contudo, a minha vida não é esta: não nasci para vender gazetas. Estudava num liceu e era dos primeiros alunos da turma. Os outros, os de dinheiro, tratavam-me de amigo, ofereciam-me cigarros e coplavam-me os exercicios.

—Olhá «República», olhá «Diário», o «Diário»!...

Um homem, enfiado num grosso sobretudo, pede-me o «Fixe». Vendo-lho. Creio que lhe dei dinheiro a mais no trôco. A barulheira dos carros ensurdece-me, estonteia-me. De súbito, tudo pára: os sinaleiros alongam os braços, os postos das esquinas emitem o seu fogacho de perigo. Um auto desliza, rapidamente, no pavimento molhado. É a ambulância, distingui-lhe a cruz vermelha. Os sinaleiros apitam; o movimento prossegue e a noticia dilata-se cêlere. Foi um vendedor de jornais, atropelado, enquanto ganhava um naco de pão. Não me espanto, já estou habituado.

Os meus pensamentos voltam a atormentar-me. Os professores mostravam-se interessados por tudo que eu fazia. Sentia-me satisfeito com os meus trabalhos de estudante. Mas a felicidade dos pobres não pode durar muito:—o pai morreu, num repente, esfalfado de escrivinhar.

—É o «Diário», o «Diário»... Olhá «República»!

Eu e a mãe mudamo-nos para uma casa mais barata. A pensão que nos davam mal chegava para o gato. A mãe chorava muito e ia costurando alguma coisa. Eu, então, abandonei o liceu e fui procurar trabalho.

—Jornais da noite... Olhá «Diário»!

Não me lembra já em quantos estabelecimentos divulguei a situação em que me encontrava. Inútil. Confrangia-me de revolta; também tinha direito a arranjar um emprêgo. Um dia, discuti:

—Mas eu andei no liceu, estava no quinto ano!

O outro, charuto entre os dentes, meteu os polegares na cava do colete e riu-se:

—Isso não serve de nada, não presta...

Acabei por desistir. Tinha pouca-sorte e dei em vendedor de jornais.

—Olhá «República»! Os jornais da noite...

De quando em quando, deparo com os meus antigos colegas. Fingem não me vêr. Chego a odiá-los na sua pedantice de pessoas superiores, Ali vai o Gonçalves; aquele, uma vez por outra, inventa uma proprina para ficar com o dinheiro ao pai.

Aqui ao lado, a porta do café está sempre em movimento. Pessoas que entram, pessoas que saem. Uma música cadenciada geme lá dentro. Ar morno, bafiento.

—É o «Diário», a «República»...

Um magote de gente lê o noticiário num quadro luminoso. As letras correm no escuro do céu, de banda a banda do prédio. Há rostos de quem sofre. Leio também. O «placard» tortura o público:

—Faltas de trabalho.

—Guerra.

—Morte.

«O mundo anda às avessas», oiço eu alguém dizer. «Os homens não se entendem uns com os outros». «A civilização

(Continua na página seguinte)